

# **Cinema e Educomunicação: a formação audiovisual de professores da rede municipal de São Paulo**

Cláudia de Almeida Mogadouro

O presente artigo buscará descrever uma trajetória pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva, como sempre acontece quando se pesquisa. Por mais solitário que seja o modo de se fazer uma pesquisa acadêmica, ela dialoga com autores, professores, colegas e com nosso próprio “objeto de estudo”, que, neste caso, é um objeto das ciências humanas. Desde o processo de pesquisa que culminou em minha dissertação de mestrado, inquieta-me a formação cultural de professores. Tema e desafio que costuma ser pauta constante de estudos e reportagens, mas cujas ações efetivas ainda têm pouco alcance, porque o universo docente é altamente heterogêneo, amplo, difuso e, todos sabemos, desvalorizado.

Em 2003, quando realizei a pesquisa de campo para a minha dissertação de mestrado (estudo de recepção com adolescentes de uma telenovela do horário nobre em uma escola pública), uma de minhas hipóteses era de que a cultura audiovisual passava longe dos conteúdos abordados pela escola. Uma das professoras que acompanhou minha pesquisa problematizou essa hipótese e

me alertou que os professores gostariam, sim, de discutir as obras audiovisuais (do cinema, da TV), porém se sentiam inseguros, porque são “espectadores comuns”, não têm recursos para uma análise mais profunda e crítica da linguagem audiovisual, pois nunca tiveram formação para isso.

E a segunda preciosa observação dessa professora foi que as conversas sobre ficção (televisiva, no caso) traziam à tona emoções que a escola “insistia em varrer para debaixo do tapete”. O debate sobre uma obra de ficção – seja telenovela, filme ou livro – aproxima professores e alunos, que compartilham seus sentimentos. Muitos temas urgentes de serem discutidos no ambiente escolar para uma formação integral e humanista – como sexualidade, preconceito, identidade de gênero, violência e consumismo – são espinhosos para os professores, que não se sentem estruturados intelectual e emocionalmente para dialogarem com seus alunos.

Nesta perspectiva, a ficção humaniza a escola, como diz Edgar Morin:

São o romance e o filme que põem à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade, com o mundo. O romance do século XIX e o cinema do século XX transportam-nos para dentro da História e pelos continentes, para dentro das guerras e da paz. E o milagre de um grande romance, como de um grande filme, é revelar a universalidade da condição humana, ao mergulhar na singularidade de destinos individuais localizados no tempo e no espaço (MORIN, 2001:44)

A dor que muitas vezes é varrida para debaixo do tapete não é só a dor do aluno, mas também a angústia e a perplexidade dos docentes em ter que lidar com as rápidas mudanças do mundo contemporâneo, somada à desvalorização tão evidente com que a sociedade os trata. Essas constatações é que nortearam minha pesquisa de doutorado, sobre cinema e educação, com ênfase na formação audiovisual de professores. Pude constatar com a pesquisa e com a prática que se seguiu, que os professores são carentes de tempo para o lazer, para compartilhar alegrias e angústias, para construir um trabalho coletivo e para exercitarem a reflexividade.

Evidenciou-se, no processo de pesquisa, que o papel do cinema na escola, na perspectiva da Educomunicação, seria o de um instrumento de formação cultural (entendida não apenas como repertório, mas também como um olhar para o mundo contemporâneo) e de cidadania. Em seu livro *Consumidores e Cidadãos* (1999), Canclini discute que o exercício da cidadania também está ligado à capacidade de apropriação de bens de consumo e de bens simbólicos. As lutas contra as desigualdades sociais também se revelam em novos formatos de consumo, novos modos de uso, em alternativas comportamentais:

Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos (Canclini, 1999:37)

### **A Educomunicação na Formação Audiovisual de Professores**

A tese que defendi em 2011, na ECA-USP, sob a orientação do Prof. Dr. Ismar Soares, teve como foco a formação de professores, permeada por várias práticas da interface Cinema e Educação, especialmente a do CINEDUC<sup>1</sup>, pesquisei a aplicação de um projeto de cinema promovido pela Secretaria Estadual de Educação de SP e confirmei minha hipótese de que o cinema estaria presente na educação formal majoritariamente como ilustração de currículo ou como entretenimento, para “amenizar as agruras da escola”. A crítica dessa prática reducionista está presente em quase todos os autores que pesquisam o tema no Brasil (Fresquet, 2008; Setton, 2004; Franco, 2004; Napolitano, 2009, entre

---

1 O CINEDUC é a mais antiga entidade que dá formação de cinema a educadores e interessados de todas as idades. Fundada em 1970, no RJ, mantém-se viva, atuante e atualizada com os novos suportes da linguagem audiovisual. Para saber mais: <http://www.cineduc.org.br/>

outros). O projeto analisado<sup>2</sup> envolveu muito investimento financeiro, mas nenhum esforço de formação de professores, o que, na minha conclusão, resultou em mais um acervo guardado a sete chaves na escola. Poucos foram os professores que se apropriaram do material e o utilizaram com intencionalidade educativa. Durante o percurso da pesquisa do doutorado, compreendi que a Educomunicação só poderia contribuir para que o cinema estivesse presente como arte e linguagem na escola se lutasse pelas transformações necessárias nos processos educativos, tão cristalizados pela pedagogia tradicional e atuasse na formação audiovisual, na perspectiva freiriana.

Em 2013, fui convidada pela Diretoria de Ensino de Pirituba (região noroeste da cidade de São Paulo) a ministrar um curso de cinema para os professores da região. O curso que batizei de *O Cinema como Instrumento de Formação Cultural e Cidadã* foi aprovado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME), oferecendo formação de 12 horas, distribuídas em 4 encontros presenciais de 3 horas de duração. A abordagem do curso problematizava a relação cinema e educação (já explanada nas linhas anteriores), discutia várias possibilidades de o cinema estar presente no processo educativo de forma criativa e, em um dos encontros, era falado rapidamente sobre os filmes brasileiros produzidos nos últimos 30 anos (pós Lei Rouanet). À época, tramitava a passos largos um projeto de lei, encaminhado pelo Senador Cristovam Buarque, que incluía o cinema brasileiro como parte do currículo de toda a educação básica. O curso ministrado no CEU Parque Anhanguera, bairro de Pirituba, em 2013, a aproximadamente 30 professores instigou-os em relação à qualidade e invisibilidade do recente cinema brasileiro. Ao final do curso, na avaliação, muitos dos participantes solicitaram que fosse realizada uma nova etapa da formação audiovisual, desta vez específica sobre o cinema nacional.

---

2 O projeto *O Cinema vai à Escola*, pertencente ao programa *Cultura é Currículo*, coordenado pela FDE, enviou entre os anos de 2009 e 70 títulos de DVDs para as 3.800 escolas de Ensino Médio da rede estadual de São Paulo. Segundo depoimentos de vários professores com quem tivemos contato, as caixas de filmes ficaram fechadas, ou foram utilizadas apenas no primeiro no ano do projeto, sendo que este acervo é desconhecido da maioria dos professores.

Em 27 de junho de 2014, o projeto do senador Buarque foi aprovado e transformou-se na lei 13.006, publicada no Diário Oficial da União. O parágrafo oitavo, do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ficou assim redigido:

A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.

Ao final de 2014, fui contratada pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP) para compor o quadro de formadores do Setor Nas Ondas do Rádio, que em 2016 passaria a se chamar Núcleo de Educomunicação<sup>3</sup>. O mesmo curso *O Cinema como Instrumento de Formação Cultural e Cidadã* passou a ser ministrado em diversas diretorias de ensino do município de São Paulo, ainda com 12 horas, em 4 encontros. O terceiro encontro do curso, cujo tema era o cinema brasileiro, continuou surpreendendo os educadores que insistentemente solicitavam cursos específicos sobre o tema, uma vez que a lei já fora aprovada e eles constatavam seu desconhecimento sobre nossa filmografia recente.

### **O Grupo de Trabalho MEC-MinC para regulamentar a Lei 13.0006/14**

Em meados de 2015, um ano após a votação da Lei 13.006, houve um esforço governamental para regulamentá-la e enfrentar todas as dificuldades que esta novidade trazia para as escolas. Para isso foi criado pelos Ministérios da

---

3 Vários eram os educadores que ministravam cursos de cinema na equipe da SME-SP: além de Cláudia Mogadouro, Paola Prandini, Mariza Pinto, Diogo Noventa, além do curso de fotografia ministrado por Regina Vilela e os cursos de Imprensa Jovem, Educomunicação Socioambiental, entre outros. Em 2018, novos formadores integraram a equipe e a formação audiovisual ganhou ainda mais profissionais da Educomunicação. O curso “O Cinema como Instrumento de Formação Cultural e Cidadã”, ministrado por mim, tinha como foco a recepção de filmes e formação cultural, enquanto outros cursos voltavam-se para a produção audiovisual, sempre na perspectiva da Educomunicação.

Educação (MEC) e da Cultura (MinC) um grupo de trabalho com a participação de representantes das Secretarias de Educação e Formação Artística e Cultural, do Audiovisual e da Agência Nacional de Cinema; professores e pesquisadores de universidades; profissionais atuantes em projetos como o programa de Alfabetização Audiovisual de Porto Alegre, a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, a RedeKino, o Conselho Nacional de Cineclubes e o Congresso Brasileiro de Cinema. Eu estava lá, representando a Escola de Comunicações e Artes da USP e o programa de formação de professores da Prefeitura do Município de São Paulo. Foi uma experiência riquíssima participar desse grupo. No encontro mensal, realizado em Brasília, discutíamos as dificuldades que envolviam a regulamentação da nova lei. Em cada reunião, percebia o desafio imenso que são as políticas públicas, num país tão grande e com tantas desigualdades e diferenças.

No primeiro encontro, ocorrido em agosto de 2015, estabelecemos três eixos com desafios a serem trabalhados, em subgrupos. O primeiro debruçou-se sobre o fomento às produções voltadas para a infância, que é escassa se comparada aos títulos voltados para jovens e adultos. O segundo subgrupo voltou-se para a distribuição e a acessibilidade do audiovisual brasileiro nas escolas, o que envolve tanto a infraestrutura (equipamentos, conectividade para acessar aos filmes pela internet) como os problemas de liberação dos direitos autorais para a exibição dos filmes nas escolas. E o terceiro do qual participei, teve como eixo o desafio da formação de professores para o uso pedagógico dos conteúdos audiovisuais. Os subgrupos trabalhavam separadamente e, no final do dia, se reuniam para partilhar questões e avanços. Ao final do ano fechamos um documento, com propostas de ações a curto, médio e longo prazo, que foi encaminhado aos dois ministérios<sup>4</sup>. As medidas não chegaram a ser implementadas, uma vez que o afastamento da Presidenta Dilma Rousseff, em 2016, trouxe mudanças substanciais nos quadros do MEC e MinC, sendo supostamente engavetado o resultado desse trabalho.

---

4 A única publicação desse documento encontra-se na publicação do 11º Mostra de Cinema de Ouro Preto CINEOP, Universo Produção – Belo Horizonte, Junho de 2016.

A Lei 13.006/2014, que inseriu o uso obrigatório do cinema brasileiro nas escolas, continua em vigor, pois efetivamente fez uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. E sua existência de alguma forma legítima e impulsiona a realização de formação específica de professores em serviço, sobre o Cinema Brasileiro. Porém, não se sabe ainda se será mais um documento oficial que não consegue sua aplicação prática.

## **Preconceitos e Descobertas do Cinema Brasileiro na Formação de Professores**

A realidade que temos encontrado em São Paulo nos permite dizer que os obstáculos para sua viabilidade não são de ordem material, uma vez que a maioria das escolas, públicas e particulares, estão equipadas para a realização de sessões de cinema na escola<sup>5</sup>. Entendo que os desafios são de ordem cultural e a formação de professores é absolutamente crucial para que a lei seja efetivamente cumprida. Quando se trata de políticas educacionais, a aderência dos professores é o que viabiliza ou não uma ação, uma vez que eles estão na base dos processos educacionais e políticos.

O curso *O Cinema como Instrumento de Formação Cultural e Cidadã*, ministrado por mim, alcançou aproximadamente 1.500 professores da rede municipal, no ano de 2015, uma vez que, além da SME-SP, algumas diretorias regionais de ensino possuíam autonomia de contratação de formadores. Somente na região da Freguesia do Ó e Brasilândia (região noroeste), aproximadamente 800 professores participaram do curso. No primeiro encontro, eu solicitava o preenchimento de uma enquete sobre a relação do cursista com o cinema: perguntava sobre a frequência às salas de cinema, ou se os filmes eram vistos na esfera doméstica, quais suas preferências e quais filmes brasileiros vinham à sua lembrança. Confirmei que a preferência dos professores acompanha os sucessos de bilheteria, tanto nos filmes estrangeiros (preferência absoluta pe-

---

5 A maioria dos problemas do uso dos equipamentos são da esfera da gestão. Ainda há medo de diretores de colocar em uso um equipamento que pode ser quebrado pelo uso, ou mesmo dificuldade de reposição de uma lâmpada queimada.

las grandes produções hollywoodianas), como nos nacionais, uma vez que os filmes lembrados eram os grandes sucessos como *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles; *Central do Brasil*, de Walter Salles; *Tropa de Elite 1 e 2*, de José Padilha; *Lisbela e o Prisioneiro* e o *Auto da Compadecida*, de Guel Arraes; além das comédias mais comerciais da Globo Filmes, como *Se eu Fosse Você 1 e 2*, de Daniel Filho e *S.O.S. Mulheres ao Mar 1 e 2*, de Cris D'Amatto. Muitos alegavam que os filmes brasileiros apresentam linguagem chula e muitas cenas eróticas, revelando um preconceito relacionado ao tempo das pornochanchadas, da década de 1970. Os filmes de Mazaropi e do grupo *Os Trapalhões* também aparecem na lista dos filmes antigos, considerados de muita qualidade, porque são mais “ingênuos”.

Na parte do curso dedicada ao cinema brasileiro, mostrava-se também que o desconhecimento da filmografia nacional não acontece apenas por preconceito, mas pela problemática cadeia produtiva da nossa indústria cinematográfica, que é muito deficiente nas etapas de distribuição e exibição. No curso, os professores compreendiam basicamente o favorecimento que as políticas públicas do audiovisual deram ao nosso cinema, porém essa produção não chega a maior parte dos consumidores de filmes, entre eles, os professores. Era notório que a exibição de alguns curtas metragens, ou trechos de filmes recentes do cinema nacional os surpreendia e agradava, o que gerou a demanda de cursos específicos sobre cinema brasileiro, com a justificativa da aplicação da Lei 13.006/14.

Ao final das primeiras turmas, resolvi criar uma lista no correio eletrônico, com todos os professores que me autorizaram (praticamente todos) através da qual eu passei a dar dicas semanais sobre as estreias e sessões gratuitas, com intuito de ampliar o repertório audiovisual dos professores e motivá-los a exercer sua cidadania cultural. Um dos temas dessa espécie de “boletim semanal” são as sessões do Clube do Professor.

Em 2016, o Núcleo de Educomunicação, a partir da demanda apontada em muitas avaliações dos professores, oferece o curso *Panorama do Cinema Brasileiro para Educadores*, com carga horária de dezoito horas, em seis encontros. No primeiro encontro, discutimos a relação Cinema e Educação, na perspectiva da



Educomunicação. Nos encontros seguintes, tratamos de uma rápida história do cinema brasileiro, passando por Mário Peixoto, Humberto Mauro, os estúdios Vera Cruz, as chanchadas e Mazzaropi. Mais atenção é dada ao Cinema Novo, que ainda é influência forte no cinema contemporâneo. A maior carga horária do curso é dada ao cinema da retomada (anos 1990) em diante, discutindo as políticas públicas de fomento ao cinema nacional. Passamos ainda pelos principais cineastas contemporâneos, os polos do cinema gaúcho e pernambucano. As últimas aulas são para tratar dos documentários e animação brasileira. Em todas as aulas, são exibidos 1 ou 2 curtas metragens. A experiência tem sido muito rica e bem avaliada pelos professores que confessam “descobrir o cinema nacional”. Já ministrei este curso para 12 turmas, em regiões periféricas de São Paulo, alcançando aproximadamente 400 professores.

### **Analisando as escolhas dos filmes no Clube do Professor**

O Clube do Professor é um serviço gratuito oferecido, desde 2001, a todos os professores (de qualquer esfera de ensino, da rede pública ou privada), com sessões aos sábados pela manhã (11 h). Os filmes exibidos são os do circuito do Espaço Itaú de Cinema no Shopping Frei Caneca, em São Paulo. O mesmo programa existe em várias capitais do país<sup>6</sup>. Sou frequentadora assídua do Clube do Professor desde meados de 2010.

Os professores devem se cadastrar, ganham uma carteirinha e podem levar um acompanhante às sessões. São sempre exibidos dois filmes que estão estreando nos cinemas (às vezes, é uma pré-estreia). Normalmente são disponibilizadas duas salas do complexo, uma para cada filme. Segundo dados fornecidos pela organização, o projeto atende, por sábado, uma média de 250 espectadores.

---

6 Em junho de 2018, o clube do professor passou a oferecer também gratuitamente um filme, aos domingos pela manhã (11h30), em outra sala de cinema, o CineArte Petrobrás, situado no Conjunto Nacional, Avenida Paulista, esquina com a Rua Augusta. Neste artigo não estamos ainda analisando os resultados da bilheteria desta sala, por ser ainda uma novidade.

Segundo Patrícia Durães<sup>7</sup> – pedagoga, criadora e coordenadora do Clube do Professor – a programação aposta na diversidade, incluindo obras de todas as nacionalidades, inéditos, clássicos e filmes do circuito comercial. O objetivo é ampliar o universo cinematográfico do professor, visando o prazer de ver um bom filme em uma sala especializada, sem o compromisso de um trabalho pedagógico imediato à experiência cinematográfica. Ela entende que os professores devem conhecer a diversidade de filmes produzidos para que se sintam bem formados culturalmente e, como decorrência, levem o cinema para a sala de aula. Trata-se de um ambiente muito interessante para pesquisa e me sinto uma observadora participante, ao conviver e conversar com os professores que se deslocam de várias regiões da cidade para assistirem a um filme. Nota-se que muitos dos frequentadores estão aposentados. Como se trata de um projeto informal, não ligado à escola, suponho que a escolha dos filmes seja mais espontânea. Na escola, é bem possível que o professor se preocupe com sua imagem e escolha um filme “mais educativo”. É fácil perceber que os professores, no Clube, se sentem em um momento de lazer.

Como observadora do movimento das salas e conversas antes ou depois das sessões, já era fácil constatar o preconceito em relação aos filmes brasileiros, assim como a preferência por filmes da grande indústria estadunidense. No caso deste projeto, os professores devem optar por um dos dois filmes oferecidos, e nem sempre há opção de um filme dos EUA. Ainda assim, não é raro se ouvir na bilheteria “qual é o estrangeiro?”, não importando se o filme é iriano, chileno ou italiano. Já houve manifestações claras, dirigidas à Patrícia Durães, de que eles queriam “filmes do Oscar”.

A meu pedido, o clube do professor nos forneceu os dados da bilheteria deste ano de 2018. Analisando esses dados, pode-se deduzir ainda que há uma parcela de professores que vê com antecedência a programação, enquanto outra parcela decide na hora o que vai assistir. Nos sábados em que são oferecidos

---

7 Patrícia Durães concedeu-me uma entrevista em janeiro de 2011, por ocasião da elaboração da minha tese. Trata-se de uma profissional ligada ao circuito exibidor de cinema, mas é evidente seu compromisso social com a formação audiovisual de professores, em todas as suas atuações de eventos cinematográficos.

dois filmes brasileiros, a frequência geral do clube é menor. Neste ano, a maior bilheteria ocorreu em 24/02, quando foram apresentados os filmes *A Forma da Água*, de Guillermo del Toro (EUA, com público de 150 pessoas) e *Mudbond, Lágrimas sobre o Mississipi*, de Dee Rees (EUA, com 144 pessoas). Não por acaso, ambos filmes concorriam ao Oscar.

O filme que teve maior público durante o ano foi *Todo Dinheiro do Mundo* (EUA, com 205 pessoas), drama dirigido pelo consagrado diretor britânico Ridley Scott. Este filme foi exibido em 03/02, também momento pré-Oscar. Curiosamente este filme “concorria” na sessão do clube com a animação estadunidense *Viva - a Vida é uma Festa* (EUA, 74 pessoas), dirigida por Lee Unkrich e Adrian Molina. Nota-se que os professores não são muito ligados em animações e acham que são feitas apenas para crianças. Por falar em animação, o filme brasileiro *O Menino e o Mundo* (Brasil, 2014), de Alê Abreu, premiadíssimo em muitos países e que chegou à final do Oscar em 2016, ainda é bastante desconhecida dos professores. É comum que eu apresente a abertura ou o clip do filme nos cursos de cinema brasileiro e os professores demonstram desconhecer totalmente (mesmo tendo concorrido ao Oscar).

O sábado com menor bilheteria foi em 01/09, sendo que os dois filmes apresentados eram nacionais: *Yonlu*, de Hique Montanari (Brasil, 69 pessoas<sup>8</sup>) e o outro era o documentário *O Renascimento do Parto 3*, de Eduardo Chauvet. Nota-se também que, dentre os brasileiros, os documentários gozam de menos prestígio ainda.

Outro sábado com pouca adesão foi em 03/03, quando foram apresentados dois documentários brasileiros. Ao todo, somaram 110 espectadores. Os filmes eram *Escolas em Luta* (público de 56 pessoas), dirigido por Rodrigo T. Marques, Tiago Tambelli e Eduardo Consonni. O segundo filme era *Piripkura* (público de

---

8 Este filme de ficção é baseado em uma história real, de um adolescente que comete suicídio e anuncia sua intenção nas redes sociais. Nesta sessão, houve debate com psicólogos, pois o filme estava inserindo na campanha de prevenção ao suicídio, ocorrida no mês de setembro. Duas semanas depois, o filme *Ferrugem*, de Aly Muritiba, premiado no Festival de Gramado, teve 93 espectadores, em sessão também seguida de debate sobre o tema do suicídio de adolescentes e bullying.

54 pessoas), dirigido por Bruno Jorge, Mariana Oliva e Renata Terra. No primeiro, estava em questão a luta dos secundaristas, que resultou na ocupação das escolas em 2015. Houve debate, em seguida ao filme, com a participação de líderes estudantis e discussão sobre as lutas nas escolas. O segundo documentário tratava da questão indígena. Percebe-se que os dois temas interessaram a poucos professores.

Outro exemplo de documentário que não interessou aos professores. Em 19/05, o clube ofereceu o filme nacional *Todos os Paulos do Mundo*, de Gustavo Ribeiro, Rodrigo de Oliveira, que traz a obra do ator Paulo José. Mesmo sendo um ator conhecido por sua atuação no cinema, teatro e TV, o filme atraiu apenas 11 espectadores. Na mesma manhã, foi oferecido um filme francês *A Natureza do Tempo*, de Karim Moussaoui, que seduziu 108 espectadores.

É frequente que, quando há estreia de um filme nacional, o diretor compareça como convidado, para um debate ao final da sessão. Essa novidade costuma ser anunciada com antecedência, na mala direta do clube e na porta do cinema. Ainda assim, a sala tem pouco público (enquanto a outra, com o filme estrangeiro, está lotada) e, ao final do debate, o público está ainda menor.

Uma importante ação tem sido desenvolvida em parceria com o Clube do Professor: as sessões AfroeducAÇÃO<sup>9</sup> no Cinema, que tiveram início em 2011 e atualmente elas ocorrem de 4 a 5 vezes por ano, com intervalo médio de 2 meses entre uma sessão e outra. O objetivo dessas sessões é disseminar o conhecimento e a valorização da cultura e identidade negras, por meio de filmes de realizadores majoritariamente afrodescendentes, com base na aplicação da lei federal 10.639/03, tendo em vista a capacidade de sensibilização e de mobilização do audiovisual. Em todas as sessões AfroeducAÇÃO no Cinema são apresentados filmes brasileiros e há debates, após a exibição, entre o público e participantes da equipe de produção dos filmes. Nessas sessões, não há neces-

---

9 A AfroeducAÇÃO é uma empresa social fundada em 2008, pioneira na produção de ações estratégicas para a equidade racial brasileira, por meio da aplicação da Lei Federal nº 10.639/03, sendo a única do país que atua na interface com a Educomunicação, buscando promover o diálogo, o respeito e a possibilidade de ouvir e ser ouvido(a). Fonte: <https://www.afroeducacao.com.br>

sidade de apresentação da carteirinha do clube do professor. A entrada é gratuita para todas as pessoas interessadas. É comum professores levarem alunos nessas sessões, por exemplo. Às vezes são exibidos alguns curtas metragens na mesma sessão, às vezes há a exibição de um longa metragem.

A boa notícia é que as sessões AfroeducAÇÃO no Cinema estão em rota ascendente. A sessão de vários curtas metragens brasileiros do dia 24/03, teve 80 espectadores. Em 02/06, houve a pré-estreia do filme de Jefferson De *Correndo Atrás*, que teve público de 128 pessoas. No debate, havia atores muito conhecidos dos programas da Rede Globo: Ailton Graça, o protagonista, e Hélio de La Peña, humorista, que além de ator no filme foi também roteirista. A sessão seguinte do AfroeducAÇÃO foi em 28/07, com curtas metragens, e teve 137 espectadores. E a sessão de 29/09, apresentou o longa bastante premiado *Café com Canela* (Brasil, 149 pessoas), de Ary Rosa e Glenda Nicácio. Esta foi a sessão de maior público do cinema brasileiro. Este filme já havia sido apresentado no clube do professor em 25/08 e teve 96 pessoas no público. Na mesma manhã, a outra opção era um documentário europeu *Onde Está Você, João Gilberto?* de Georges Gachot, que teve público de apenas 40 pessoas. Então, esse belo filme do Recôncavo Baiano, *Café com Canela*, não apenas superou o “concorrente” estrangeiro, mas acabou sendo o filme mais visto no Clube do Professor, de janeiro a setembro de 2018. Somando as duas sessões em que ele foi exibido (25/08 e 29/09) somou 245 espectadores, mais do que o filme de Ridley Scott. Finalizo meu relato compartilhando o sentimento de preocupação do Professor Adilson Citelli, que também é meu, sobre o consumo audiovisual dos professores coincidir com o que mais faz sucesso na lógica do mercado. Em uma situação de análise de pesquisa sobre repertório cultural dos professores, ele questiona o fato de o professor, cujo imaginário representaria uma vanguarda do pensamento cultural, viver num campo comum de *experiências simbólicas* com seus alunos (grifo do autor).

O problema estaria sem saber até onde os processos interpretativos ganhariam dinâmicas estimuladoras para o debate entre sujeitos com vivências diferenciadas ou remeteriam à mera constatação de que a força avassaladora do marketing exercitada pela grande

indústria do cinema terminou por igualar a todos no mesmo encantamento pirotécnico que estrutura muitos filmes apontados como campeões na preferência dos docentes pesquisados (Citelli, 2000:186).

Constato que estamos no caminho certo, no sentido de despertar no professor a importância da sua cidadania cultural, para que ele assuma a sua formação continuada como essencial para o aprimoramento das suas práticas. O Cinema é um instrumento potente para auxiliar o professor nas transformações tão necessárias à escola.

## Referência

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e Cidadãos – Conflitos Multiculturais da Globalização*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação. *A Linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000.

DUARTE, Rosália *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANCO, Marília – Linguagens Audiovisuais e Cidadania, Revista Comunicação & Educação (9), mai/ago/1997 – Moderna, CCA-ECA-USP: São Paulo, 1997.

FRANCO, Marília. *Hipótese-Cinema: Múltiplos Diálogos* – ECA-USP: São Paulo, 2010. <http://www.educacao.ufrj.br/contemporanea.html> . Revista Contemporânea >> Números Publicados Rio de Janeiro, v. 5, n. 9. - janeiro/julho 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germán. *Os Exercícios do Ver, Hegemonia Audiovisual e Ficção Televisiva*, São Paulo: Editora Senac, 2001.

MOGADOURO, Cláudia A., *Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)*. Tese de Doutorado - ECA-USP, 2011

MOGADOURO, Cláudia. *Cinema e Escola: Ver, Sentir e Fazer*. In: José da Silva Ribeiro; Carlos Eduardo Viana. (Org.). *Encontros de Cinema*. Viana do Castelo, Portugal, 2013, v. 1, p. 11-19.

MORIN, Edgar A *Cabeça Bem Feita*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.

NAPOLITANO, Marcos *Como Usar o Cinema na Sala de Aula*, São Paulo: Contexto, 2009.

SETTON, Maria da Graça J. (org). *A Cultura da Mídia na Escola – Ensaios sobre Cinema e Educação*. São Paulo: Annablume, 2004

SETTON, Maria da Graça J. *Mídia e Educação*. São Paulo: Contexto, 2010.

## Sobre a autora

**Cláudia Mogadouro** nasceu e mora em São Paulo. É doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Graduada em História, especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA-USP. Pesquisadora do NCE-USP. Formadora audiovisual da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, representante do Cineduc em São Paulo, criadora e coordenadora do Grupo Cinema Paradiso. Participou do grupo de trabalho do MEC-MinC para regulamentação da lei que inclui o cinema brasileiro no currículo da educação básica. Coordena o Coletivo Janela Aberta: Cinema e Educação. E-mail para contato: [claudia.mogadouro@gmail.com](mailto:claudia.mogadouro@gmail.com)